

QUARTA-FEIRA
Lisboa -- 13 de Maio de 1931

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

250



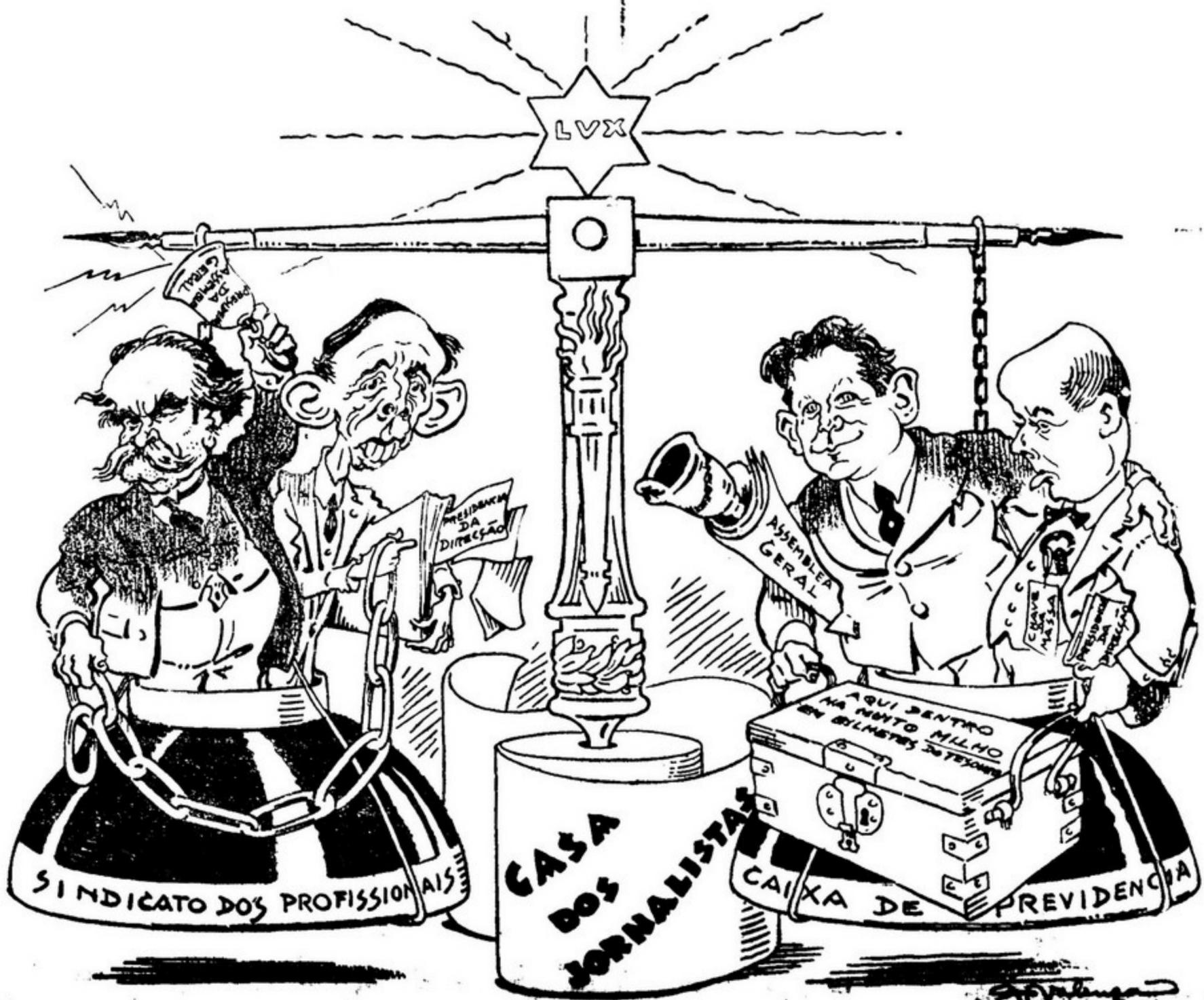
sempre **fixe** semanário humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Balança de precisão (ocorre às "precisões," dos jornalistas)



E' de uso receber parabens quando se faz anos. Sempre Fixe, que completa hoje cinco,



Os ditos da semana



O nosso aniversário Com este numero, completa o «Sempre Fixe» mais um aniversario. São cinco anos de graça, de chiste, de facecia, de larcha, que tem levado a alegria a todos os lares, hebdomadariamente, porque o «Fixe» entra todas as semanas, na casa de cada um, tão certo e tão infalível, como a conta do mercieiro, e a trouxa de roupa da lavadeira e, como elas tambem, não entra de graça, apesar de ser o órgão da velha graça portugueza.

Aproveitando este ensejo, pela pena brilhante de Francisco Valença, prestamos hoje homenagem á imprensa portugueza — não se diz imprensa nacional para evitar confusões — levantando um monumento ao sindicato dos Profissionais da Imprensa e sua Caixa de Previdencia, representados pelas pessoas dos seus mais altos dirigentes.

Fazemos votos por que daqui a vinte anos os possamos encontrar, como agora, á frente da prestimosa instituição. A avaliar pelo magnifico aspecto que apresentam logo se vê que estão ali para lavar e durar.

Neste dia solene, endereçamos a todo o pessoal que trabalha neste jornal, incluindo a administração, quadro typografico e de maquinas, os nossos agradecimentos pela dedicação e solicitude que sempre tem manifestado.

Cordas de viola Esse caso do conde de Logotheti, não tem nada de curioso. Trata-se dum intrujão como ha muitos, embora com menos passaportes, menos linguas e menos fatos.

O que ha de interessante no caso é a facilidade com que estes aventureiros entram na nossa sociedade. Veem não se sabe donde, são não se sabe quem, mas como trazem um titulo— muito honroso e muito nobilitante porque é obra das suas proprias mãos— são recebidos de braços abertos. É porquê? Porque trazem muitos passaportes e muitos rotulos e etiquetas na bagagem, porque uzam muitas linguas e vestem muitos fatos.

Delicioso paiz o nosso, onde um alfaiate é capaz de fazer um grande homem.

Este dizia-se conde com catorze andainas completas, de bom cheviote; com cincoenta podia dizer-se duque que todos o comiam por hom.

Com quinhentos alcunhava-se de rei dos patifes e não lhe faltavam vassallos.

“Feira de amostras” Luiz Teixeira publicou o seu primeiro livro e chamou-lhe «Feira de amostras», titulo bem adequado, porque o livro é de facto constituido por amostras de varios generos literarios, desde a cronica de jornal ao manifesto e, todas elas, amostra evidente do talento do auctor.

A obra podia mesmo chamar-se simplesmente «Amostras», mas Luiz Teixeira não quiz deixar de ir com ela á feira. Do que o leitor pode ficar certo é de que não se tra-

ta de «amostras sem valor». Ali é tudo bom desde a prosa até á capa, onde figura um marujo atravessando o Mar Vermelho debaixo de tempestade.

A Luiz Teixeira, camarada e amigo, agradecemos o exemplar que gentilmente nos enviou. Estamos, como se vê, em plena feira franca.

Clara Bow Clara Bow — um nome que resôa universalmente como o de uma imperatriz—teve de ser internada, por causa dos seus nervos, num sanatorio.

Não o dizem os jornais, mas facilmente se depreende, que a «vamps»—vamps é fino e podre de modernismo!—

tem pancada na mola, macaquinhos no sótão ou areia na maquina.

Não é nada de mais que uma mulher que tem posto a cabeça á roda a tanta gente, pague tambem o seu tributo á maluqueira.

Aquilo passa. E oxalá que passe depressa, para que depressa volte á «pantalla», como dizem os espanhoes. E quando Clara Bow estiver boa, faz-se o «roulement»: volta a maluqueira aos homens.

3 linguas Os indigenas de Moçambique que vão representar a colonia na Exposição Colonial de Paris, receberam, á pressa, algumas lições de francez. Ficam assim equiparados aos productos farmaceuticos que é costume rotular na lingua do paiz a que se destinam. «Verbi gratia» a Aspirina Bayer e as Pílulas Pink.

Na verdade, o que é necessario é que eles sejam entendidos, não no paiz de origem, mas naquê onde tenham de produzir os seus efeitos. Como, porém, é natural que eles sempre arranhem qualquer coisa de portuguez, além da lingua nativa que falam pelos cotovelos, eis que os nossos desempenados preta-lhazes, desembarcam em Paris com trez linguas para se fazerem entender das francezas.

Assim eles saibam uzar delas...

**sempre
fixe**

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas.	Ano: 26\$00
	Semestre: 13\$00
	Trimestre: 6\$50
Colonias portuguezas.	Semestre: 15\$00
	Ano: 30\$00
Estrangeiro.	Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

DR. AZEVEDO GOMES



—O director do Banco do Hospital de S. José é um dos mais seguros «bisturiz» da nossa cirurgia. E no exercicio de seu cargo, como na sua Sciencia, tem-se destacado por «cortar a direita»...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

PARECE que vamos ter, dentro de dois meses e em Lisboa, sob esta linda primavera, o congresso internacional de critica dramatica.

O *Sempre Fize* apresenta a seguinte tese aos criticos de todas as nações:

«A influencia do sorriso das actrizes na severidade da critica.»

■ ■ ■

NO Maria Vitoria, a seguir ao *Zaz-Traz-Paz*, vamos ter uma revista intitulada *Viva o Jazz!*

Como não podemos dar vivas a outras coisas — contentemo-nos em dar vivas ao jazz...

■ ■ ■

A companhia Hortense que luz contratou o actor Vasco Sant'Ana — que o ano passado foi o *Meu Menino*, bonito, do Avenida.

Vasco Sant'Ana, tendo-se dirigido ao Apolo para tomar conta do seu lugar, constatou, que não cabia naquele teatro, motivo porque a companhia se passou para o Coliseu, cujas avantajadas proporções estão em harmonia com o fisico chabynesco do *petit Vasco*...

■ ■ ■

A *Libré do Sr. Conde* usou-se depressa.

Vê-se que a nossa aristocracia está na penuria!...

■ ■ ■

DESTA vez temos que referir sobre o Erico, sobre o qual Alexandre Herculano fez um dos seus melhores romances, mesmo sem o conhecer — o que teria ele feito se o tivesse conhecido! — que o Erico, diziamos, fez a sua festa artistica com o *Fauteuil 47* — o unico lugar vago que havia ontem á noite no Trindade

■ ■ ■

COM que então, a Irene Isidro voltou á companhia Lucilla Simões!...

Sim, senhor, voltou, mostrando-se muito arrependida...

■ ■ ■

OS amigos intimos do novel actor Carlos Leal, que ultimamente tem andado empenhado numa generosa cruzada, receiam que ele, num acesso de apostolado bemfazejo, vista a estamemha dos franciscanos, abandonando os vãos prazeres do mundo pelas sombras tranquilas dum convento.

Espera-se a todo o momento a conversão!

■ ■ ■

LA' teve outra vez o Nacional *As Asas Quebradas*.

Se ele partiu as asas, como ha de iniciar a Volta?

BREVEMENTE:

Quim & Manecas



Manecas

Filho unico de Stuart, inteligencia precoce, bela alma sempre pronta para ajudar e defender os mais fracos. Apesar dos seus poucos anos, tem cursos superiores e é poliglota, amigo de fazer a sua partida inofensiva. E' o maior inimigo da seita do Papo-Sêco, sendo por isso odiado por eles; no entanto, como é valente e esperto, defende-se sempre



Quim

Irmão de leite do Manecas, esperto e ladino, sempre pronto a ajudar o Manecas nas suas partidas, assim como nas suas aventuras; bom coração, estimado por todos, menos pela seita do Papo-Sêco



— Porque chamarte a isto paraíso artificial se para arranjar merluza é um verdadeiro inferno?...

PARA o teatro Avenida vai uma companhia de que são primeiras figuras Vasco Sant'Ana, Santos Carvalho (Manoel) e Eva Stachino.

Como bailarinos, temos Francis e a pequena Maria Emilia.

Na direcção da orchestra: Wenceslau Pinto.

A peça de estreia é original de Felix Bermudes, João Bastos e Alberto Barbosa.

A musica será da autoria de Frederico Freitas e do novo compositor Antonio Melo.

Titulo da peça: *A...*

Ailó! Ailó!

Ailó! Ailó! Ailó!

Na noite de S. João

Vou na marcha ao «felambó».

Tambem queremos entrar na marcha!

■ ■ ■

VITORIA Pinillos, um dos mais lindos sorrisos do teatro espanhol, entontece todas as noites os espectadores com os seus bailados e os seus tangos.

Ainda ha quem não queira a união iberica!...

■ ■ ■

VAMOS ter brevemente uma peça alemã, traduzida para português, com o titulo *Príncipe Vermelho*.

Cuidado! Virá ele fazer a propaganda comunista?...

■ ■ ■

A Beatriz Costa está cada vez mais bonita. No Variedades faz uma garotinha tão ao natural que até dá vontade de ser pai dela...

■ ■ ■

Tem-se feito ultimamente sugestões para o actor Joaquim Almada entrar no teatro de revista. Aconselhamos os empresarios daquele genero de espectaculos a que não desistam.

Alma... até Almada!...

■ ■ ■

O dr. Luis de Oliveira Guimarães publicou agora um livro intitulado *O Direito no Teatro Gil Vicente*.

Escusado será dizer que, mais torto, não pode haver!...

■ ■ ■

O *Caso do Dia*, de vez em quando, aparece em scena. Não ha duvida: é um titulo que não perde nunca a actualidade.

Mas como ha um caso todos os dias, ficamos sem saber qual seja. Que o diga o nosso Ramada, se é toapem!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



— Antigamente, as raparigas como eu faziam meia e hoje todas nós fazemos o «trottoir».

AVENCURAS

Maitre Durand quer aqui representar um advogado de Marselha, falecido há cerca dum ano, e que deixou um espólio regular de aventuras e façanhas, umas mais pitorescas do que as outras, mas todas elas verdadeiramente cómicas. O verdadeiro nome de Maitre Durand perdeu-se na nossa memória; mas, ainda assim, não que dele nos lembrásemos, não seria motivo para o pormos aqui, com todas as letras. O que nos importa é a parte anecdótica da sua vida. Da sua pessoa, basta saber-se que era um boémio inveterado, advogado de profissão, mas um destes advogados rabulias, profundo conhecedor da lei e de todas as suas portas falsas. E era esse conhecimento profundo das portas falsas da lei que lhe permitia, precisamente, certas liberdades contra o bom-senso.

Durand lembrou-se, um dia, de expedir pelo caminho de ferro, como mercadoria — um palito! Evidentemente, o empregado da estação recusou-se a receber o palito. Que não era mercadoria.

— Ora essa — replicou-lhe Durand — mostre-me uma disposição qualquer das tarifas que diga que um palito não é mercadoria! Mostre-me!

O empregado procurou, procurou — mas não encontrou. O palito lá foi expedido em grande velocidade. Mas, é claro, perdeu-se pelo caminho — não chegou ao seu destino.

Numa praça principal de Marselha havia uns buracos enormes que a municipalidade se esquecia de mandar arranjar, apesar de todos os protestos dos marselheses. Durand, porém, resolveu facilmente o problema. Num dia em que a chuva caía a potes. Durand munuiu-se dum banco e duma cana de pescador e resolveu ir pescar à linha na praça pública. Intervenção da polícia. Que era proibido!

— Quem disse isso? O maire pu-

blicou alguma disposição legal que proíba um cidadão de pescar na via pública? Não conheço disposição alguma nesse sentido. Continuarei a pescar.

E continuou. Mas, no dia seguinte, a municipalidade apressou-se a mandar concertar os bancos.

Durante a guerra, o serviço de revisão nos comboios da P. L. M. era feito por mulheres — visto que os homens estavam ocupados na guerra. Durand, porém, entendeu que não devia deixar revisar os seus bilhetes. Quando a empregada se aproximava para esse fim, ele tinha logo a resposta na ponta da língua:

— O eaderno de encargos diz que a Companhia é obrigada a entregar o serviço de revisão a indivíduos que já tenham feito o seu serviço militar: não sou obrigado a mostrar-lhe o meu bilhete.

E não mostrava. E tanta chicana fez com as Companhias, a propósito de tudo e de nada, que as Companhias acabaram por o deixar viajar de graça nas suas linhas.

Uma vez, os móveis duma sua amiga foram penhorados, por falta de pagamento da renda do quarto que ela ocupava. Durand não hesitou: um processo contra o senhorio. E a razão jurídica invocada foi esta: O Código Civil considera os instrumentos de trabalho como impenhoráveis. Ora, entre os bens penhorados encontrava-se uma camisa de seda, e ninguém poderá negar — concluiu Durand — que, para uma profissional do amor, uma camisa de seda é um instrumento de trabalho!

Durand perdeu, evidentemente, o processo, e com ele a estima dos seus colegas do fóro, que achavam que Durand rebaixava demasiadamente a profissão...

MYSELF.

Tac-Tac-Tac

Valerio está em férias. Foi es-paíreer para a Ericeira porque julgam os medicos que ele tem aguas na bexiga, e, para os hidropicos, o lodo marinho faz muito bem.

Deixemo-lo, pois, repousar uns dias, e, a proposito do seu ventre pançudo, recordemos uma historietta assaz engraçada, que talvez já conheçam, mas nem por isso se arrependirão de a reler.

Jeronimo Rosario era por certo o mais estimado e popular de quantos *chauffeurs* ali, na *garage* do Costa Pita, faziam estadia.

Muito trabalhador e econômico, jamais saia da *garage* sem um pequeno almôndego de pão, e sabia que sua mulher, a Maria das Flores, lhe levaria, duas vezes por dia, as 12 horas em ponto.

Como era muito dada a limpeza, era muito querido pelas suas colegas, todas a chamavam a *Mariquinhas* e com ela tratavam, escandalosamente assim que ela apparecia.

Começou-se a notar, um dia, que a elegancia da *Mariquinhas* diminuía pela proeminencia que apresentava logo abaixo da cintura.

— Muitos parabéns! — gritaram, logo que Jeronimo entrou na *garage* para almoçar. Vais ser pai dum lindo rapaz...

— Quem sabe lá se será rapaz ou rapariga?... — comentou outro.

Mariquinhas ruborizou-se toda, trocou um olhar de ternura com o marido e, pretextando afazeres caseiros, retirou apressada.

E desde então a gravidez se foi acentuando a olhos vistos, a pontos que, ao fim dos cinco meses, a *Mariquinhas* parecia um monstro, afirmando os companheiros do Jeronimo Rosario que ele seria pai de, pelo menos, quatro petizes, tal o volume que sua mulher trazia nas entranhas fecundissimas.

A conselho dum visinho, foi a *Mariquinhas* a um medico, não

fôsse aquilo ali dar alguma complicação, que a parteira não soubesse remediar. E, como homem prevenido vale por dois, Jeronimo levou a mulher a aceder em ir consultar o dr. Conspicuo de Freitas, abalizado especialista da nossa praça.

Entretanto, foi fazer um serviço para Cintra. De modo que, quando a mulher voltou do medico, o Jeronimo não estava na *garage*.

Logo os seus colegas rodearam a esposa esperançosa, inquirindo do que dissera o deuter.

A *Mariquinhas* parecia triste e estava abatidissima. Desolada, respondeu que só a seu marido repetiria o que o medico lhe dissera.

Mas tanto insistiram com ela, tanto a apouquentaram, que ela, por fim, confessou:

— Sabe o que ele me disse? Pois que isto não era nada de *creanças*; isto era vento.

E, choramingando, partiu afrontada para casa.

Fez-se a operação e a *Mariquinhas* voltou a ser a rapariga elegante de outrora.

Mas, um dia, entrou em casa o Jeronimo, furioso como um touro desmolhado.

— O' *Mariquinhas*, tu desgraçaste-me. Estás perdido! Tu desgraçaste-me!...

— O' meu Jeronimo, que te fiz eu? — perguntou ela, aflita — que foi que te fiz eu?

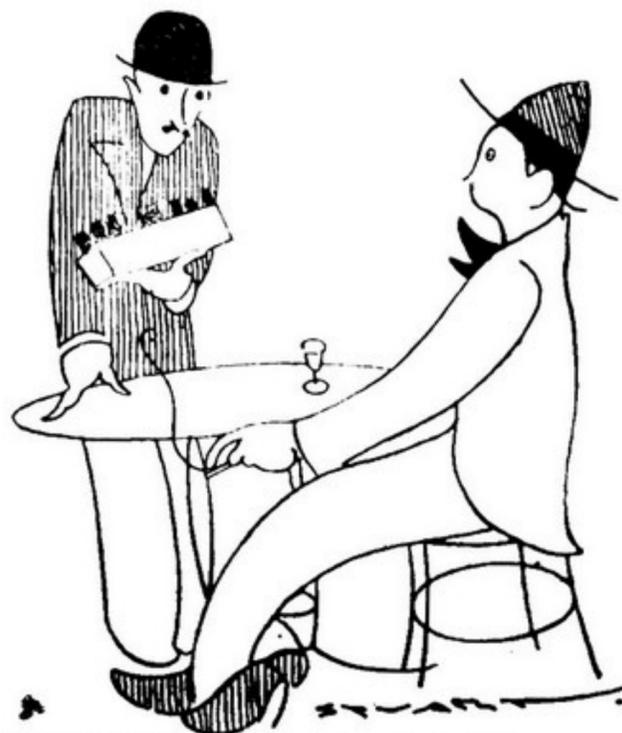
— Deixa-me, deixa-me! — gritava de mau modo o Rosario.

— Explica-te, homem, desembucha!

— Pois que queres tu ainda mais?... Desde que lá fôste á *garage*, de volta do medico, ninguém me deixa descansar um momento. Fazem-me doido! E' toda a gente a pedir-me:

«O' Jeronimo, empresta cá a bomba da *Mariquinhas* para eu encher os pneumáticos.»

CIRANO DE VELHOFRAC.



— Então o senhor também vive de lapis?
— Também, sim senhor. Há muitos anos que sou vendedor de lapiszeiras.

Nas escolas

Faculdade de Direito. — Aula de Direito Constitucional — Um aluno, cábulas e muito senhor de grande latosia, está a esticar-se a todo o comprimento... O professor faz perguntas sobre perguntas. E aquele, cada vez mais ignorante e cada vez mais admirado de que haja tantas perguntas para fazer, nada responde. Até que o mestre:

— Que especie de situações jurídicas conhece?

O aluno demora a resposta. Depois, firme:

— Situações jurídicas gerais, situações jurídicas especiais e... e... e situações jurídicas... insustentáveis!...

No Governo Civil. — B. V. passa revista aos presos. E como estes, em sua quasi totalidade, lhe tivessem já passado pelas mãos, em identicas situações anteriores, aquele ia comentando:

— Oh!... Este já é meu velho conhecido!... E este também!... Olha o N. F.!!! E este!...

Mas, a alturas tantas, B. V. deparou uma cara que lhe era desconhecida. E comentou, sorindo:

— Oh!... Este ainda está virgem!...

E o ouro, rapido, formalizado:

— Virgem, não, senhor tenente! Olhe que eu já sou casado!...

Licou de Pedro Nunes. — Exame da disciplina de português. O professor:

— Senhor Barbosa! Diga-me lá o que vem a ser um barbosos?

E, como o aluno demorasse a resposta, o professor percebendo o embaraço do rapaz que não sabia bem a resposta que o professor desejava, atalhou:

— Barbosa é um... um... um homem que tem muitas barbas!...

Faculdade de Letras. — A' porta da Faculdade encontram-se duas condiscipulas: uma que vai a sair e outra que vai a entrar. E esta pergunta áquela:

— Então não vens á Filologia?...

— Não, não vou! Vou antes á Fisiologia pratica!...

Faculdade de Medicina. — F. e S., entre duas aulas, conversam animadamente. F., a alturas tantas:

— Que cigarros fumas agora?...

— «Spud».

— Dá cá um, se podes!...

Faculdade de Direito. — Logo ao começo da greve de 1928, uma aluna do 3.º ou 4.º ano pretendeu furar aquela. Ao saber tal, dirigiu-se-lhe o conhecido medico R. M., aluno então do 1.º ano de Direito, que num entusiastico discurso procurou demovê-la de tal intento. Mas logo ela, teimosa:

— Não, eu quero ir ás aulas porque acho que não ha razão para não ir!

— Isso é que a colega não vai! Não se envergonha, ao menos, de furar uma greve?...

— Quero lá saber da greve!... Se os outros não forem, eu furá-la-het!

Era demais! E R. M., gesticulando, apoplectico, gritou... gritou... pouco mais ou menos isto:

— Não, a colega não fura a greve! Porque, se a furar...

JOTA EME.



— Sou filha das tristes hervas,
neta das aguas ardentes.

CAPRICHOS

Quem a observasse a distancia, especialmente quando no seu terceiro andar das Avenidas Novas correspondia aos galanteios de D. Juan, diria que Idalina era uma Venus, de rigorosas linhas helenicas, a mais sedutora das mulheres portuguesas, cujos encantos conduziram o mais experimentado dos homens a loucuras e atropelos aos compromissos conjugais.

Idalina, vista a cem metros, possuía, na verdade, belezas raras, ornamentadas por uma toilette vistosa, multicor, e irrepreensivelmente colocada sobre seu fragil corpo.

O pior era que uma observação atenta quebrava todas as illusões, porque Idalina era estrabica, e daí o apelido, usava dentadura postica e sobre tudo isto ainda enfermava de gaguez, apesar de ter cursado ortofonia, de que nada aproveitou.

Idalina leu Oscar Wilde e convenceu-se de que não havia mulheres feias nem bonitas; havia apenas mulheres que divertem e mulheres que aborrecem os homens.

Ao invés do conceito de Wilde, ela iria divertir-se com alguns homens, especialmente com aquele cavalheiro de cravo vermelho na lapela do casaco, que todas as tardes lhe rondava a janela e cuja «paixão» tinha ido já ao ponto de lhe dirigir uma carta convidando-a a tomar chá na «Garrett», depois de lhe assegurar ser ela a mulher ds seus sonhos...

Idalina leu atenciosamente a missiva, saboreou algumas incorrecções gramaticais, observou que a qualidade do papel da carta era inferior á do que recebia a sua creada Valentina, que andava doida pelo Bernardo creado, que todos os dias encontrava nas compras, e, embora maguada pela indelicadeza do seu Romeu, decidiu-se a aceitar o convite para o chá na «Garrett».

Não o fizera por qualquer sentimento de simpatia ou consideração, apenas para se divertir um pouco com essa figura esquisita de homem, pretensamente «gentleman», que nas cartas escrevia:

«Minha crida mademaseles».

E, no dia convencionado, encontrou-se com o seu adorado na paragem do Duque de Saldanha, seguindo ambos no electrico até o Rossio e subindo o Chiado como dois pedestrianistas.

Na «Garrett», Idalina procurava gosar um bocadinho com a figura grotesca do seu apaixonado, tendo convidado a sua boa amiga Isabel, confidente e rapariga experimentada, a assistir ao espectáculo.

Reparou, então, que Jorge, o seu idolo, também usava dentadura postica e era seu companheiro vesgo.

O que mais a impressionou foi a grosseria com que se apresentou na «Garrett», colocando em cima da mesa o chapéu, bastante acidentado pelas intemperies, e atravessando sobre uma das cadeiras a bengala, que se assemelhava a um cacete dos pastores.

Jorge recomendou ao creado que trouxesse chá para Idalina e para ele chá de parreira, que era o que gostava...

O creado olhou de soslaio o freguês e atendeu-o.

Jorge, depois de ter sorvido aos goles dois copos de Colares, pediu vénia para se ausentar durante alguns segundos, em virtude de uma perturbação intestinal.

Idalina chamou a sua amiga Isabel e durante mais de uma hora estiveram a troçar de Jorge. Até que a demora já excedia os limites e Idalina começou a preocupar-se. Jorge não voltava.

Mas eis que a estrabica «madamazele» reparou que lhe faltava a mala. Jorge, o «gentleman», ausentara-se com a mala da Idalina, que continha alguns escudos e lembranças de familia.

Então, Idalina convenceu-se que Wilde tinha razão: «algumas mulheres servem para aborrecer ou divertir os homens».

E regressou a casa aborrecida, com o debito de trinta escudos á sua amiga Isabel, que não voltou a rir da figura grotesca do Jorge.

FRED.



— Que está a senhor a fazer?
— Estou a mudar o numero da minha porta, porque tenho azar com o n.º 13.

Graça dos outros O gramofone Elevador da Gloria

A senhora gorda: — Tudo que visto é feito à medida do meu corpo!

O indiscreto: — E o guarda-chuva, também?...
* * *

— Devo dizer-te que fiquei satisfeito com a tua economia durante este ultimo periodo escolar. No anterior, os teus pedidos de dinheiro foram muito frequentes.

— Sim, meu pai, eu também achei; por isso desta vez comprei tudo fiado...
* * *

— E como vai a sua criação de abelhas?

— Muito bem! Muito mel não fazem, mas já picaram varias vezes minha sogra!...
* * *

— Pela ultima vez te pergunto: quando me pagas o dinheiro que te emprestei o ano passado?

— Ainda bem que é esta a ultima vez que me fazes essa pergunta tao estúpida!...
* * *

— Não se pode jogar as cartas com o Antonio!

— Porquê? Aborrece-se quando perde?

— Não, não perde nunca!...
* * *

Entre amigos:

— Em toda a exposição só ha um quadro que se pode ver. E' o teu!

— Homem, gesto do teu elogio!

— ... E' o unico que não tem publico deante dele!...
* * *

Ela, tocando piano: — Dizem que a musica exerce uma grande influencia no crescimento das flores!

Ele, muito aborrecido: — Pois o melhor que tinhas a fazer era levar o piano para o jardim!...
* * *

Guaraná

A Empresa Guaraná teve a gentileza de nos enviar uma caixa do seu delicioso refrigerante. Aquilo bebe-se e chora-se por mais. Es-corraça como hostia em guela de clérigo, e até o proprio nome lhe fica a matar. E, senão, veja o leitor se não é mesmo uma palavra para se pronunciar logo a seguir ao ultimo golo, já com o competente estalinho de prazer na ponta da ultima sílaba: *Gua-ra-ná!* E' tal qual como quem diz: — Ah! que bem que isto me soube!

E o trabalho que dá a fazer uma coisa daquelas! A agua vem de Caneças e o fruto que fornece o sumo vem do Brasil. Acrescente-se ainda a tudo isto o trabalho do fabrico, do engarrafamento, da rotulagem, etc, etc. Ora nós estamos resolvidos a ajudar a empresa no seu arduo trabalho. Fabrique-os ela que, para aliviá-la, nós os beberemos.

E muito obrigado.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

O Epifanio, o meu bom e inefável amigo Epifanio, sofria da neurastenia.

E' uma doença como outra qualquer, com a vantagem de ser atributo só da gente de algo.

Tinha pelas maquinas falantes a mesma animadversão que Mafo-ma nutria pelo tocinho. E tanto assim que casou propositadamente com uma rapariga orfã de mãe, só para não ter que aturar, depois do nó, uma grafonola «Sogra» — uma das marcas mais em moda.

A par de outras madurezas de igual teor, que ele não fazia afixar por toda a parte, o Epifanio sofria também, e em suma, da gramofonofobia — uma doença esquisita como um rato.

Ha dias, o Epifanio acordou mal disposto como burro. Tivera um sonho extravagante, pois caíra no interior duma fabrica enorme desses aparelhos infernais, com buzinas que nem bôcas de canhões e um som atrozador — de pôr patético um santo. E, mal abriu os olhos, depois de se convencer da irrealdade do que acabara de observar, o Epifanio não teve tempo de recuperar a tranquillidade. Lá dentro, na sala de visitas, a vizinha Silve-ria conversava com a esposa, entusiasmada, eloquentissima.

De que se tratava?

Pôs o ouvido á escuta e ouviu que «o malvado do seu homem, aconselhado pelo Joaquim sapa-teiro que é uma boa rolha, lhe saíra de casa na vespera com o cordão que lhe custara uns centos, a maquina de costura, um conto e quinhentos em dinheiro que ela amealhara durante longos meses, e que o patife, para maior cumulo, nem sequer dissera «agua vai»...»

E por aqui abaixo, uma lenga-lenga de tal ordem que o Epifanio — que nada tinha que ver com essas coisas, nem a esposa — ergueu-se do leito, vestiu-se num ápice e, enquanto o diabo esfrega um olho, pôs-se no olho da rua.

Respirou, por fim.

— Isto é para não fazer para ai uma asneira! — resmungava com os seus botões.

Mas estava escrito que o Epifanio, nesse dia, tinha de comer duas verdes com uma madura, como se diz em linguagem rasca.

Logo ao desembocar da arteria, mesmo na esqulna, em casa das Vasconcelos, umas pequenas serigaitas que tocam tudo — até piano! — um gramofone, daqueles autenticos «Pathé-Freres», antigo como o arroz de quinze, roufenha-

va um fado triste e sonambulo do nosso conhecido Menano.

O Epifanio não esteve com meias medidas. Atravessou a passo largo a rua. Mal supunha ele, porém, que mesmo em frente, num café qualquer, até áquele silencioso e ás moscas e aonde procurara refugio, uma grafonola das pequenas agora acordava o espaço com um jazz destrambelhado e ensurdecedor.

Por pouco não deu em doido. Pagou o café, mesmo sem o tomar, e correu, rua abaixo, como um tresloucado.

O Epifanio andou assim nesta contradação o dia quasi inteiro, fugindo de Herodes para Pilatos e de Pilatos para Herodes. Em toda a parte, como se fóra uma praga, lhe surgia a buzina dum gramofone, uma grafonola, um «Parlo-phon» — em suma, uma dessas maquinas que o diabo inventara para lhe dar cabo do espirito, com certeza, e, não obstante todos os esforços nesse sentido, jamais conseguia nesse dia livrar-se delas.

— Maldição!... — dizia ele com as mãos na cabeça e o desespero em catadupas.

Teve, por fim, uma resolução heróica, acertada, decidida. Depois de tanta volta, já cansado, o peito a arfar, só em casa acharia o repouso apetecido, agora que aquela relva da vizinha decerto acabara a conversa, pois havia demorado um dia inteiro a sua peregrinação.

E se melhor o pensou, melhor o fez.

Em casa do Epifanio:

A mulher: — O' homem, vens com uma tumba! Que te aconteceu?

O Epifanio: — Deixa-me. Uma grande desgraça! Uma tremenda desgraça!

A mulher: — Crêdo! Nem pareces o mesmo. E eu que tinha uma novidade tão boa para te dar...

O Epifanio: — Uma novidade? Conta, para ver se me passam estes nervos. Estou que nem uma pilha.

A mulher: — Queres saber, então?

O Epifanio: — Anda. Avia-te depressa. Que foi?

A mulher: — Escuta, meu querido. Comprei hoje uma grafonola para os nossos serões...

O Epifanio, que tinha caído com uma síncope, faleceu repentinamente e no dia seguinte teve um lindo enterro...
MAXIM.



— Podia trocar-me esta nota de cem?
— Só se fôr por outra.
— Não faz mal.
— Mas de que lhe serve isso?
— Troque sempre, mas por uma que seja boa, porque esta é falsa.

A mulher: — Lêste o jornal de hoje? Descobriu-se um especifico que prolonga a vida cem anos...

O marido: — Caramba! Se estivesse solteiro, comprava um frasco!
* * *

Ele: — O segredo da boa saude é comer cebola.

Ela: — Sim, mas é muito difficil guardar esse segredo...
* * *

A avó: — Porque não queres dizer-me a tua idade?

O neto: — Porque uma vez disse-a a um condutor dos electricos e a mamã deu-me uma bofetada!...
* * *

O indio: — Por estas pégadas, vejo claramente que passou aqui um homem louro, de quarenta e cinco anos, que ia tocando guitarra.

O vaqueiro: — Mas ia a pé ou a cavalo?

O indio: — Ah, isso é impossivel sabê-lo!...
* * *

Ele: — Juro-te que a Adelina não me preocupa nada!

Ela: — Então, porque a abraçavas ontem á noite?

Ele: — Por gratidão, filha! Acabava de me dizer que tu eras uma linda rapariga...
* * *

— Agora já ha muitas casas para alugar!

— Sim, ha! O que falta é encontrar os 700 ou 800 escudos que elas custam por mês...
* * *

O marido: — Nenhum Banco me inspira confiança. Não sei onde pôr o dinheiro!

A mulher: — Nada mais simples! Põe-o na minha mala!...
* * *

Entre amigos:

— Queria contar-te uma historia muito engraçada, mas não sei se já t'a contei.

— Dizes que é engraçada?

— Digo!

— Então, nunca m'a contaste!...
* * *

Na rua:

O galanteador: — Se eu tivesse vinte anos menos!

A rapariga: — Não adeantava nada! Não tinha ainda nascido!...
* * *

A vitima: — Barbaro! Assassino! Por um pouco, atropelava-me!

O «chauffeur»: — Se não fossem os atropelamentos, como se fariam as estatísticas?...
* * *

Josésinho: — Papá, o Antoninho mordeu-me numa orelha!

Antoninho: — Não é verdade! Foi ele mesmo que se mordeu!...
* * *

Um caso de sensação
Que traz o povo alarmado
E não descança um bocado,
Encontrão, mais encontrão,
Corre tudo de roldão,
Eu também corro veloz,
Não me agarrem! estou feroz,
Pois quero por vida minha
Provar a bela Gínginha
Da rua Barros Queiros.

R. Barros Queiros, 27

LISBOA

Cacharolete

A' Exposição Colonial, que vai haver em Paris, remeterá Portugal representações viris.

12 landins gigantescos, de porte asseado e franco, 3 cabindas pitorescos e um sargento que é branco.

Apareceu quem duvidasse de que eles falassem bem, e o sargento quere que pass essa impressão que se tem.

Avança co'a pretalhada, a cantar a «Marselhesa», e é depois executada com «entrain» a «Portuguesa».

Acho a ideia genial, seu sargento duma cana; Mas é também natural que eles cantem... a «Africana»...

O HOMEM DOS TIMBALES.

A Festa da Cidade

vista pelo «Sempre Fixe»

Estralejam foguetes no ar. Mor-teiros não ha, por motivo de sus-tos... Quem sofre com o edital são os farmacêuticos, que se queixam da pouca venda de sulfato de so-dio.

Trata-se da Festa da Cidade, em dia aziago, a ser de serço para Fa-tima: 13 de Maio.

Como Camões dum olho foi cego, transferiram retrogradamente a festança para o dia de hoje, em que os estabelecimentos vendem tudo mais barato. Assim, as mer-carias venderão o bacalhau a pa-taco; o ervo cabecinha, a um mi-lavo o grão; o grão, por sua vez, a trinta e quatro e meio centavos o litro; o paio — hi! Jesus! — a co-rão o quilo; a pimentinha do rei, com alusão ao douto Alfredo, que calça de boas luvas amarelas, a cinco centavos o grama — e não contando com o chouriço, mesmo engraxado que seja, que está pelas horas, que não da morte, mas do prazer...

Tudo, tudo mais barato em ho-menagem a bandeira branca e pre-ta, sobre a qual se aloja o nosso bom Frontão.

Um Eldorado, esta cidade de Lis-boia, que hoje oferece musica na Rotunda, nos Restauradores e no Terreiro do Paço, onde o ar é mais livre para todos os sons euterpi-ares...

Outros estabelecimentos que ade-riram á Convenção da Barateza: A Maison Blanche já faz combi-nações por dez reis de n. el coado — que gulodice! — e o Carnaval de Venezia, que é sempre casa nova, venderá os seus artigos, tais como Raposas, Silenciosos e Camisas, que Venus não engeitaria, a todo o pre-ço, atendendo a que a crise é gran-de. Quem falou em Venus poderia aludir, igualmente, a uma... tenta-dora.

Agora, as casas de comes e be-bes:

O Gargamalo, hoje transformado em Cachorro, actuará com raba-nos e rabanetes e mais partes adja-centes, a eserdo cada especialida-de, e o Borges dinamitará os fre-gueses, oferecendo-lhes, a troco de dois bem puxavantes copos á Mi-guel Martins, o mais velho dos Ca-potes Brancos, os cuentros e os rabanetes.

Se julgam os leitores do Fixe que tudo isto é mentira, metam, sem relutancia, tudo no sacol IVINHO.

BARBEIE-SE COM LAMINAS



As de mais sua tempora

DESSPORTOS

A imparcialidade nos desportos e o bruxo de Portugaleta

Os jornais desportivos, referimo-nos desta vez áqueles que existem em Lisboa, então: constantemente o velho hino da imparcialidade.

A proposito do conflito da bola, esse hino tem sido cantado em todos os tons. Chega mesmo a ser comico...

Porque não é muito difficil obser-var o seguinte: ao passo que um jornal defende com unhas e den-tes a orientação da Federação, com o outro periodico succede precisa-mente o contrario: apoia em tudo e por tudo a obra da Associação.

Mas é claro. Acima de tudo, esses jornais colocam a sua imparciali-dade, a sua tão apregoada impar-cialidade.

Portanto, viva a imparcialidade! Viva!

* * *

Infelizmente, surgiu tambem um malfadado conflito no basket-ball, desporto que vivia pacatamente, serenissimamente.

O basket pretendeu imitar o foot-ball. Mas o caso vai ser liqui-dado.

A Associação de Basket já en-viou para o Porto as suas condi-ções, a fim da santa harmonia vol-tar a reinar no seu pacato seio.

No entanto, enquanto o Porto não responde, um dos tais jornais desportivos vai defendendo a orientação da Associação, e logo o outro apressadamente vem afir-mar que Lisboa tem culpas no car-terio.

E' claro que os periodicos de des-por-to veem este assunto, como allás todos os outros, com absoluta isenção de partidatismo, com abso-luta imparcialidade.

Acima de tudo, a imparcialidade! Viva a imparcialidade! Viva!

* * *

Julgamos os dois assuntos que buscamos suficientes para tirar a seguinte conclusão: estes dois jor-nais estão sempre em desacôrdo.

Tem sido, são e serão rivais.

Para que um diga sim, basta que o outro afirme não.

Parece que esta antipatia entre os dois orgãos não é nova: tem raizes fundas.

Mas parece-nos melhor mudar de assunto... Porque tudo quanto dissemos é a brincar...

No fundo, lá muito no fundo, a guiar o pensamento desses jornais, reconhece-se existir a linha recta da tal cantada imparcialidade.

Gritemos, por conseguinte, ainda mais uma vez: — Viva a imparcialidade!

* * *

Na pagina desportiva do perio-dico espanhol A B C, deparámos outro dia com um gracioso comen-tario, que não resistimos á tenta-ção de transcrever.

Ele lá vai, pois, com todo o seu sabor:

«Ha quem acredite que a doença do sono está localiza-da em Africa. Erro da sciencia.

A sciencia ignora, pelos vis-tos, a existencia do foot-ball internacional em Espanha.»

E' ou não é deliciosa esta bla-gue? Mas para ter um cunho mais verdadeiro devia referir-se antes a Portugal do que a Espanha.

Então, sim. Estaria mal certo...

* * *

O mesmo jornal informa-nos tambem que Prats, conhecido in-ternacional de Madrid e que se en-contrava fortemente lesionado, já pode tomar parte no proximo jogo do seu club.

Esta noticia a todos espantou, por se saber que os medicos ti-nham decidido submeter Prats a uma difficil operação.

Porém, o caso depressa se escla-receu. E soube-se então que essa cura verdadeiramente milagrosa fóra realizada por um curandeiro de Portugaleta, mais conhecido pelo bruxo de Portugaleta.

Fica-se, portanto, sabendo que nada existe melhor para curar as lesões dos jogadores do que as artes magicas da bruxaria.

Estamos mesmo a vr o resultado de semelhante cura.

Os jogadores portugueses, quan-do se inutilizarem, a tomarem o comboio para Portugaleta, na es-perança de que as mãos milagrosas do bruxo rapidamente os curam.

Estes espanhóis! De quando em quando, sempre exportam cada uma que é mesmo de se lhe tirar o chapéu!!!

JONICA.

A Cadelinha

Havia grande festa naquela vila da provincia e os dois pequenos hotéis e as três modestissimas pensões encontravam-se cheias de forasteiros de todas as terras proximas da vila e até de Lisboa.

Prudencio Coelho era um conceituadissimo caixeiro viajante da nossa praça e, para aproveitar a quadra das festas, deilberou ir até á vila em questão para lá fazer o seu negocio. Chegou já noite á vila e, depois de percorrer as três pensões e um dos hotéis, não encontrando quarto em qualquer deles, foi parar ao outro hotel, talvez o melhor da vila e chama-do pomposamente «Hotel Bris-toi».

Prudencio entrou no hotel e lo-go á entrada foi recebido por uma interessante cadelinha, que lhe veio lamber as mãos e cheirar as pernas. Prudencio pediu um quarto ao dono do hotel e, como o hotel estava cheio, tambem ali não foi servido.

— Oh! meu caro senhor. Já não tenho quartos nenhuns! Estão to-dos occupados pelos forasteiros.

— Mas era um so para mim.

— Já lhe disse, meu caro se-nhor, que não tenho um unico.

— A não ser...

O nosso Prudencio animou-se porque via uma aberta para descançar os ossos.

— A não ser... — continuou o hoteleiro — que o senhor queira dormir com Lulu...

Prudencio não disse nada e fi-cou-se a olhar para a cadelinha, que a seus pés brincava.

— Não! Isso não quero.

— Então, meu caro senhor, o que posso fazer-lhe uma cora-a em cima do bilhar.

— Mal por mal, é preferivel. Durmo no bilhar.

E o nosso caixeiro Prudencio Coelho dormiu no bilhar.

* * *

Na manhã seguinte, Prudencio acordou cedissimo e, perto da sala de bilhar, que lhe servira de quar-to de cama, uma agradável voz de mulher fazia ouvir-se numa can-ção em voga.

Prudencio vestiu-se e dirigiu-se para a sala onde ouvia a voz. Quem cantava era uma pequena lindissima, que á janela do hotel tomava o ar fresco da manhã.

Prudencio dirigiu-se e o mais cortésmente cumprimentou-a.

— Bom dia, menina!

— Bom dia, meu senhor!

— Está então a tomar o fresco?

— E' verdade.

O Prudencio atirava-se como bom caixeiro que era. E a peque-na dava-lhe atenção.

— Como se chama? — pergun-tou o Prudencio com ansia de sa-ber tudo.

— Eu? Chamo-me Luiza!

— Pois, menina Luiza, sabe que é encantadora?

E a menina Luiza, com a sua voz adoravel:

— Ai, não me chame Luiza. Cá em casa todos me chamam Lulu...

IGNACIO DA PURIFICAÇÃO

Prosa de Cha-Velho

Hoje não ha Prosa de Cha Velho, reservando-se o «prosador» para o proximo numero, em que se ocu-pará da corrida que, em festa e homenagem ao triunfante Simão da Veiga, terá lugar, domingo, 17, na Praça do Campo Pequeno, com o homenageado e João Nunco, o valente Felix Rodriguez e o mexi-cano Alberto Touros, com banda-rilheiros e picadores, e touros de Infante da Camara e Pinto Bar-reiros, estes de casta espanhola.

Sortes grandes ?

do o PINA em venda.

75 - Rua de S. Paulo - 77



— Aquela é uma fingida; tem duas caras.
— Não pode ser. Se tivesse duas caras não saia á rua com aquela.

ECOS DA SEMANA

ha



Como os leitores devoram o

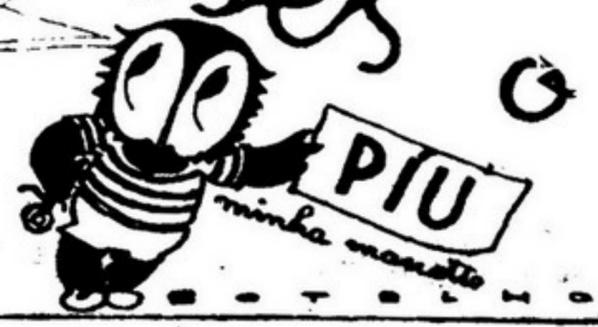
sempre

fixe semanario humoristico

Como os **ECOS DA SEMANA**

o que muito decemnos - brevemente ecos de povos.

meses



PIU
minha maneta